Ano XXXI● nº 1.085
www.usp.br/jorusp

JORNAL DA USP

Publicação da Superintendência de Comunicação Social
São Paulo, de 26 de outubro a 1º de novembro de 2015
Universidade de São Paulo

Cápsulas que curam?

Pessoas de várias partes do Brasil – e até do exterior – têm buscado no Instituto de Química de São Carlos (IQSC) da USP cápsulas de fosfoetanolamina, que supostamente curaram pessoas do câncer. Médicos e pesquisadores discordam e dizem que a droga não pode ser usada porque não tem aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Páginas 4 e 5

Cecília Bastos

As cápsulas com a substância fosfoetanolamina

Os últimos dias de Herzog

O assassinato de Vladimir Herzog, em 25 de outubro de 1975, é lembrado por professores da USP que conversaram com o jornalista em seus últimos dias

Páginas 12 e 13

Instituto Vladimir Herzog

O jornalista Vladimir Herzog

Virada Científica atrai centenas aos campi

Realizada nos dias 17 e 18 de outubro, a Virada Científica apresentou mais de 400 atividades científicas nos oito campi da USP.

Páginas 10 e 11

Marcos Santos

Atividade circense da Virada

Evento discute Política ambiental

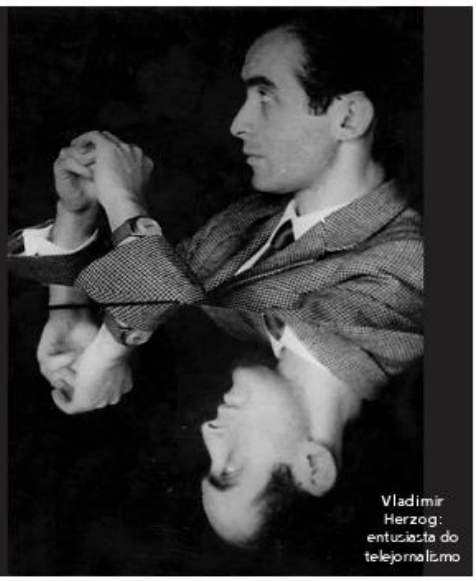
Propostas como maior atenção à área da saúde, feitas em encontro no dia 19, serão incorporadas à política ambiental da USP.

Páginas 3

MEMÓRIA

O trágico início do fim da ditadura militar

Há 40 anos, o assassinato do jornalista Vladimir Herzog –diretor de Telejornalismo da TV Cultura e professor da USP – gerou na sociedade brasileira a indignação e a desconfiança que contribuíram para enfraquecer o regime dos generais



Vladimir Herzog: entusiasta do telejornalismo

HERIKA DIAS E VALERIA DIAS
Agência USP de Notícias

O dia 25 de outubro passado marcou os 40 anos da morte do jornalista Vladimir Herzog, que em 1975 foi assassinado por agentes da ditadura militar então em vigor no Brasil. A vida e a morte de um dos jornalistas mais importantes para a história recente do País teve seus desdobramentos na USP, onde Vlado (seu nome verdadeiro) foi professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) por um breve período antes de ser morto.

A ida de Herzog para a ECA ocorreu devido à saída de vários professores no primeiro semestre de 1975. O professor Sinval Medina, coordenador do curso de Editoração, havia sido reprovado, de forma arbitrária, em seu exame de qualificação para o mestrado, o que o levou a perder o cargo de professor. Em solidariedade, outros professores pediram demissão em maio do mesmo ano: Cremilda Medina (esposa de Sinval), Paulo Roberto Leandro e Walter Sampaio, então chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração. Mas o desfalque era ainda maior, visto que outros professores já haviam sido cassados e deixaram a ECA, entre eles Jair Borin, Thomas Farkas e José Marques de Melo.

A demissão dos professores provocou a revolta dos alunos, que entraram em greve e exigiram a renúncia do então diretor da ECA, Manuel Nunes Dias. Foi a primeira greve de alunos desde 1968, que durou até agosto daquele 1975.

Essa falta de docentes motivou a jornalista Dilea Frate, então aluna de pós-graduação da ECA, a sugerir o nome de Vlado para a professora Gisela Ortriwano. Ela, por sua vez, o indicou ao professor José Coelho Sobrinho, que apresentou e defendeu o currículo de Vlado no Conselho de Graduação. A partir daí, Herzog passou a ser professor voluntário do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA.

"Eu era uma aluna muito atuante na ECA. Era representante de turma e conhecia o diretor Manuel Nunes Dias. Também conhecia o Vlado, porque na época eu era casada com o Paulo Markun (jornalista) e eles trabalhavam juntos na TV Cultura", relata Dilea. A área de telejornalismo, de acordo com a jornalista, estava aflorando no Brasil. "Vlado era um entusiasta dessa área, mais do que qualquer outro professor que a gente conhecia", lembra. Ela ia iniciar o mestrado e entrou na ECA como docente de modo informal. "A gente começava a dar aulas e esperava a contratação. Muitos professores ficavam sem receber durante esse período. A contratação não era como é feita hoje", explica. Dilea ficou responsável pela Agência Universitária de Notícias (AUN) e Vlado, pela disciplina de Telejornalismo.

Mas eles não tiveram muito tempo para exercer a profissão de professores na ECA e ministraram poucas aulas. O clima de insegurança e perseguições no País era evidente e o jornalista tinha consciência dos riscos que corria, conforme ele mesmo relatou em conversa com a professora Alice Mitika Koshiyama, também docente da ECA, na mesma semana da sua prisão e morte.

Dias de tensão – "Tivemos uma conversa muito marcante durante um café, na segunda-feira que antecedeu a morte de Vlado, que foi morto num sábado", relata Alice. Ele contou que sabia da existência de uma lista de pessoas que seriam detidas para um interrogatório no Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) e que ficou sabendo que estava entre os que seriam detidos. Alice disse a ele: "Você vai ficar assim, exposto? Não vai fazer nada? Você pode ir para algum lugar, tirar umas férias, um descanso". Mas Herzog respondeu que não podia fazer isso, porque estava ocupando o cargo de diretor de Telejornalismo da TV Cultura. Era um cargo de confiança, indicado pelo secretário de Estado da Educação, José Mindlin, que, por sua vez, era indicado pelo governador Paulo Egydio, este, pessoa de confiança do então presidente Ernesto Geisel (1974-1979).

Herzog contou que havia um forte movimento contra qualquer possibilidade de abertura política, conduzido pela linha-dura das Forças Armadas. "Se eu fugir, vai parecer que eu sou culpado e vou atrair suspeita contra o secretário da Cultura e contra o governador. Até porque eu não fiz nada que possa ser objeto de condenação", disse ele a Alice.

A professora destaca que ficou muito preocupada, "porque às vezes vale a pena a pessoa tomar algumas medidas", mas não acreditava que os militares iriam "quebrar tudo e tal". "Mas era uma visão subjetiva minha. Eu não acreditava que eles fossem matar alguém. Eu falei isso e ficou por isso mesmo."

O relato de Dilea Frate reforça esse clima tenso que antecedeu o 25 de outubro de 1975. "Eu fui presa com o Paulo Markun na sexta-feira, 17 de outubro, e o meu aniversário e o batizado da minha filha eram no domingo, dia 19. Eu ficava falando para os militares, como se fosse um mantra, que eu era católica, que aquilo era um engano, que eu acreditava em Deus, tanto que iria batizar a minha filha no domingo."

No domingo, por volta das 10 horas, os militares levaram Dilea até a igreja onde ocorreria o batizado. "Eles chamavam isso de 'diligência': para verificar se aquilo que foi dito era verdade mesmo", explica. Após o batizado, o pai de Dilea convidou os militares que a acompanhavam para irem ao almoço de batizado. "Eles foram. Isso foi surrealista", destaca.

Isso foi exatamente uma semana antes de Herzog ser assassinado. Durante o almoço de batizado, Paulo Markun mostrou uma lista com os nomes das pessoas que foram citadas durante os interrogatórios, e Vlado era um deles. "Nós demos a orientação para ele não tentar ser corajoso, e sim fugir, porque a barra estava muito pesada e não era apenas com a gente. Estava acontecendo alguma coisa muito pesada, além de nós. Era uma tentativa de golpe dentro do golpe: a ala mais radical do Exército estava tentando dar um golpe no Exército e nós éramos instrumentos desse golpe", conta.

A prisão de Dilea Frate teve consequências sérias para a sua vida profissional. Ela foi demitida por justa causa do seu emprego na revista da antiga Telesp (Telecomunicações de São Paulo) e teve que encerrar sua incipiente carreira acadêmica. O diretor da ECA a chamou em sua sala e disse que Dilea era uma decepção por ter sido presa. Teve de ouvir: "Nunca mais coloque os seus pés na USP". Atualmente Dilea é produtora do *Programa do Jô*, da TV Globo.

TV Brasil

Marcos Santos

Dilea Frate e Alice Mitika: recordações dos anos de chumbo

Eles não sabem quem foi Herzog

A sala de computadores do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP tem o nome de "Redação Vladimir Herzog", em homenagem ao jornalista. O professor José Coelho Sobrinho, da ECA, revela que fica sentido quando pergunta aos alunos de Jornalismo que acabaram de ingressar na ECA se eles sabem quem foi Vladimir Herzog e ouve um "não" como resposta. "Aí eu pergunto: vocês sabem que ele foi o divisor de águas entre a ditadura e o final desse período? Que foi a partir dele que a ditadura começou a ruir? A resposta é não", lamenta. "Acho que falta alguma coisa na estrutura curricular que fale mais sobre a nossa profissão e sobre as pessoas que fizeram essa profissão e como ela é importante para a democracia do País."

Francisco Emolo/Arquivo Jornal da USP

Coelho Sobrinho: lamento

ENTREVISTA

"Primeira bomba que cai na minha cabeça"

Professora da ECA relembra últimas conversas com Vladimir Herzog, uma semana antes da morte do jornalista

Cecília Bastos

Cremilda Medina: conversa traumática com Vlado

Após pedir demissão da ECA, a professora Cremilda Medina foi trabalhar na TV Cultura a convite de Walter Sampaio. "Eu era professora de Teoria e Prática da Grande Reportagem. Fui trabalhar como editora de matérias especiais, a chamada pauta especial do dia. Produzia documentários de 8 a 10 minutos, que eram exibidos diariamente", recorda.

O encontro dela com Vlado ocorreria nos meses seguintes. Walter Sampaio foi demitido do cargo de diretor da TV Cultura e quem ocupou o lugar dele foi Vladimir Herzog. "Com a mudança de gestão, Vlado me pediu para assumir a Editoria Nacional", conta Cremilda. Vlado havia trabalhado na BBC, de Londres, e trouxe uma nova proposta, com o uso de alguns documentários produzidos pela emissora inglesa. Um deles abordava a atuação dos vietcongues, na Guerra do Vietnã. Ao ser editado e colocado no ar, o documentário provocou a ira de alguns setores da ditadura. "Havia um certo jornalista que escrevia e atacava, em suas notas, a TV Cultura, e ele passou a chamá-la de Vietcultura", lembra a professora.

No início de outubro, Vlado encaminhou ao palácio do governo uma recomendação para Cremilda receber uma promoção salarial. "Era uma promoção maravilhosa para mim", recorda a docente. Cremilda foi chamada à sala de Vlado cerca de uma semana antes de ele ser assassinado. Ele disse que o Palácio dos Bandeirantes havia exigido a demissão dela. A professora lembra que foi uma conversa muito traumática, pois Vlado quis saber tudo o que tinha acontecido antes da entrada dela na TV Cultura. Ela então explicou os fatos ocorridos na ECA, no primeiro semestre.

"O que ele disse depois foi uma coisa que eu nunca mais vou esquecer. Com um ar de desânimo, ele falou que não tinha o que fazer em relação à minha demissão. Eu respondi: 'Não se preocupe, porque já passei por outras e vou passar por mais esta'. Ele respondeu: 'Eu pressinto que essa é a primeira bomba que cai na minha cabeça antes de outras piores'. Na semana seguinte, Vlado estava morto."

Entre a saída da Cultura e o dia da morte de Vlado, Cremilda ficou completamente "à deriva". "Todos os meus colegas tinham ido ao enterro. Mas eu só pude restabelecer forças para ir à missa de sétimo dia, na Catedral da Sé. Os militares colocaram o nome de Operação Gutemberg, na tentativa de impedir que as pessoas conseguissem chegar até a igreja. Mas, mesmo com a presença maciça de militares com metralhadoras em punho, a catedral ficou lotada.

"A morte do Vlado é um marco, não só pela dramaticidade, mas porque naquele ato, uma semana depois, na Praça da Sé, o mundo todo percebeu que a ditadura estava com a corda no pescoço diante da mobilização popular. Tinha tanta gente que eu não consegui entrar na igreja, fiquei fora, de onde o que se via eram dezenas de metralhadoras apontadas para nós."

De acordo com a professora, a relação com Vlado sempre foi muito profissional. "Ele reconhecia em mim uma experiência, pois muitos dos jornalistas que foram com ele para a TV Cultura eram do jornalismo impresso. A minha experiência não era muito longa como a do Walter Sampaio, mas, além de trabalhar na TV Cultura, eu já havia trabalhado na TV Bandeirantes. Eu tinha me afeiçoado ao telejornalismo. A edição de documentários diários com oito, dez minutos ao dia me deu uma escola, um traquejo com o processo de edição que o Vlado prezou muito. Apesar de ter substituído muitos quadros, ele me manteve na equipe como editora nacional", explica.

Autoritarismo – Para Cremilda, esses episódios de 1975 fazem parte de um aspecto da história do Brasil muito mal contado. "Tivemos meses de convivência, algo muito profissional. Éramos de uma geração que estava em confronto com a ditadura e com todo o descalabro do autoritarismo. Eu estava construindo no jornalismo a teoria da reportagem, que iria culminar, posteriormente, com esse campo das Narrativas da Contemporaneidade, disciplina que ofereço hoje na ECA. O Vlado era um profissional que tinha a BBC por trás, uma escola de jornalismo muito respeitada, que preza pelo rigor da informação", conta.

Na TV Cultura, esclarece ela, eram realizadas reuniões de pauta diárias em um ambiente bastante democrático e sem grupos de confrontação com a ditadura. "Éramos jornalistas querendo trabalhar e conscientes de que realmente estávamos responsáveis por informações cerceadas pela ditadura."

"Mataram Vlado"

Para o jornalista Gabriel Priolli, Herzog foi, ao mesmo tempo, professor e chefe: teve aulas com ele na ECA e foi seu subordinado na TV Cultura. Num texto que escreveu, há alguns anos, para o jornal *Diário de S. Paulo*, Priolli conta que "não estranhou quando Vlado o chamou à sua sala, no início da noite de 24 de outubro, para dizer que a situação estava se agravando e poderia atingi-lo. 'Posso ser preso a qualquer momento, então pegue aqui os trabalhos da sua turma e devolva aos seus colegas', ele me pediu. 'Quando as coisas se acalmarem, a gente vê como faz a avaliação do curso.' Apanhei o pacote, desejei boa sorte a ele e fui embora, direto da redação para Ilhabela, onde passei o final de semana distante de telefone e qualquer meio de informação", diz o texto. Priolli relata que somente soube da morte na segunda-feira, ao chegar na USP e se deparar com uma enorme faixa: "Mataram Vlado".

A prisão e a morte de Vlado também tiveram outros desdobramentos na ECA. Sua rápida passagem pela USP trouxe uma polêmica: o nome de Herzog teria ou não sido suprimido do registro de atividades acadêmicas da Escola de Comunicações e Artes, no ano de 1975? Esse tema foi tratado na edição de outubro de 2012 da *Revista da Adusp*, publicada pela Associação dos Docentes da USP (Adusp), com o texto "ECA de Manuel Dias e Helda Barracco apagou os vestígios de Herzog", da jornalista Beatriz Vicentini.

A reportagem cita o artigo "A prática política para ser jornalista", em que a professora Alice Mitika relata o que aconteceu no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA, naquele segundo semestre. "Colocamos o nome de Vladimir Herzog no rascunho do Relatório de Atividades de 1975, mas o nome dele foi suprimido do texto 'oficial', por ordem da chefe, professora Helda Bullotta Barracco, que arbitrariamente se recusou a ouvir quaisquer protestos, alegando ordens superiores. Todas as pessoas do corpo docente (efetivos, contratados, à espera de contratos e voluntários), exceto Herzog, figuraram no relatório."

Dilea Frate lembra que, apesar de a história da passagem de Herzog pela ECA ter sido contada na reportagem publicada na *Revista da Adusp*, a maioria das pessoas da USP desconhece esses fatos. "A própria USP tentou apagar tudo isso, então parece que não aconteceu. Você pode levantar essa história até na documentação e ver a coisa mal apagada, riscada, os nomes riscados", destaca.

Para a jornalista, é importante que essa história seja contada. "A gente era expulso por medo, porque nada era oficial. Você era expulso porque era um medo tão grande que você acabava indo embora e dava graças a Deus por não ter acontecido algo ruim", revela. "Também é importante saber que aquelas pessoas não eram boazinhas e que as coisas não eram veladas. Mas nada era oficial, eles não assumiam. Eles pegavam você pessoalmente e falavam na cara: 'Sai daqui, desaparece'."

Um prêmio para a dignidade

No dia 20 passado, aconteceu a premiação dos jornalistas que participaram da 37ª edição do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. A cerimônia teve lugar no auditório do Teatro da Universidade Católica (Tuca) da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. O prêmio, que teve sua primeira edição em 1978, é um dos mais antigos do Brasil. A relação completa dos vencedores da 37ª edição do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos pode ser consultada no site http://premio.vladimirherzog.org.

Marcos Santos

Os vencedores do 37º Prêmio Vladimir Herzog: luta pelos direitos humanos